

Fundação precisa de ar

MARIA DO ROSARIO CAETANO - Editora Cultural do CB

A substituição do médico Ruy Pereira da Silva pelo professor de História da Arte, Carlos Fernando Matias de Souza, no comando da Fundação Cultural do Distrito Federal, não é um ato de rotina. É, antes de tudo, uma iniciativa que procura oferecer oxigênio a um setor que, aos poucos, foi se asfixiando até se transformar numa espécie de feudo. A FCDF estava sob a tutela de Ruy Pereira da Silva desde o início da década de 70. Sua gestão começou com Prates da Silveira, passou incólume pela gestão Serejo Farias e se propunha a cumprir os seis anos do Governo Aimé Lamaison.

Em março de 79, quando da mudança do governo local, os intelectuais apostaram firme na renovação do setor que lhes dizia respeito - a FCDF. Elaboraram um manifesto onde exigiam "uma nova ordem cultural" e indicavam o nome do arquiteto e fotógrafo Luiz Humberto para o cargo de diretor-geral da Fundação Cultural. Entre os signatários do documento estavam o companheiro de Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, o artista plástico Glênio Bianchetti e o cineasta Vladimir Carvalho, nomes de maior peso na arte candanga. Todos se mostravam desgostosos com o impasse a que chegava o órgão, intoxicado pela inércia de duas gestões comandadas por um mesmo executivo. Bianchetti lembraria, dias depois, que "não tinha nada de pessoal contra o diretor da FCDF, mas que era necessária uma mentalidade nova". E exemplificava, acrescentando que uma exposição não consiste "em apenas pendurar quadros na parede. Era preciso buscar novas formas de dinamização da arte". Vladimir Carvalho iria mais adiante, em setembro do mesmo ano, quando da realização do XI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro: subiu ao palco e denunciou "as arbitrariedades do diretor-executivo da FCDF".

Vladimir sabia que corria risco de ver seu filme **O País de São Saruê**, um dos concorrentes, preterido na lista dos premiados com o troféu Candango. E foi o que ocorreu no Festival: **São Saruê**, o filme mais cotado, foi mesmo preterido. O prêmio maior do Festival coube a **Muito Prazer**, de David Neves, uma comédia linear, de poucos recursos criativos, que hoje a crítica de todo país vem qualificando como "filme diversão". A Vladimir coube uma espécie de prêmio de consolo, criado

à última hora. Passava aos anais do Festival de Brasília, mais um ato arbitrário.

Depois do Festival, os ânimos serenaram, e a FCDF entrou numa espécie de recesso de verão. Nenhuma atividade de peso foi programada. A capital do país passou a viver das sobras do eixo Rio-São Paulo, até hoje, o ditador cultural das províncias. E Brasília continuou sua pacata rotina. Quando porém, as universidades e o Congresso Nacional entraram em recesso, a FCDF parou. Chegou a "seca cultural" que atormenta o Planalto Central no verão. Os teatros cerraram suas portas, as galerias passaram a "pendurar quadros" em exposições inexpressivas, e os funcionários da FCDF começaram a repetir para os interessados em promover novos espetáculos: "A época é inadequada, a cidade está parada", etc. O musicólogo e empresário Marcus Pereira, por exemplo, entrou em contato com a Fundação Cultural para juntos promoverem um recital do compositor-intérprete Elomar, um arquiteto que foge da civilização, escondido nas carrancas do Rio Gavião. Da FCDF, Marcus Pereira recebeu um conselho: "Deixe este espetáculo para março ou abril, pois nesta época a cidade está parada. Os deputados e senadores estão de recesso".

Esta mentalidade sempre encontrou guarida nos últimos seis anos da Fundação. A entidade teimou em apresentar "cultura" para os segmentos burocráticos da capital do País, esquecendo-se que quem frequenta mesmo seus poucos e velhos teatros são os estudantes, os comerciários, os professores. E esqueceu-se também de outro detalhe de grande importância: Brasília não é apenas o Plano Piloto. Mais de dois terços de seus habitantes estão nas cidades-satélites, que a FCDF fez questão de deixar ao abandono, como se elas só tivessem mesmo a função de ser um mero dormitório.

Com a chegada de Carlos Matias, esboça-se um novo quadro. Em seu primeiro contato com a imprensa ele prometeu conquistar novos espaços para a veiculação artística (recuperar o Teatro Nacional, o Cine Cultura e quem sabe construir uma rede de casas de espetáculos nas cidades-satélites). Mas um diretor de uma entidade cultural só cumprirá sua tarefa se ouvir os setores interessados na produção, distribuição e exibição da "cultura".